

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

EDUCANDO

A sociedade mais bem constituida é aquella aonde o respeito se dá as maos com a liberdade. Não pode haver liberdade sem auctoridade, como não pode haver luz sem um foco luminoso.

A liberdade supõe dependencia, como as hastes de uma planta supõem raizes e tronco.

Liberdade não é o alvedrio, liberdade não é a licença porque é o Bem, porque é a Luz, e nem o Bem, na essencia, se pode admittir peccaminoso nem a Luz, com sombras, é perfeita e adoravel.

Onde não ha respeito não ha liberdade, porque não pode existir o bem, porque não pode existir a virtude, que são as duas azas brancas, suaves e suavissimas da liberdade.

O primeiro respeito, a mais funda subjectivação de obediencia, deve-se a Deus.

Quem não respeitar a Deus, como ha de respeitar o homem?

A anarchia que envolve, como n'um circulo escuro, as sociedades modernas, provém da falta de respeito á auctoridade, e, consequentemente, á liberdade.

É innato no homem o sentimento da obediencia, como é imata a necessidade de um superior.

Desde o lar, onde a familia representa a auctoridade benéfica e educadora, o homem vae seguindo a escala ascendente da sua vida social, precisando sempre da auctoridade legislativa, no meio dos tropeços da vida pratica.

Proscindir da auctoridade é relegar os proprios sentimentos innatos e caminhar na voragem tetrica da anarchia, como um viandante que, sobre um precipicio, larga as redeas e deixa ir, a largo trate, o animal em que monta, não vendo que o espera, de fauces escancaradas, a morte inexoravel e crua.

O povo que não tem religião é um povo morto. O povo que a tem, mas que a não respeita, é um povo perdido. O sentimento da religiosidade é a unica aureola de graça que nos torna superiores aos animaes. Quando um philosopho notavel escreveu que o «homem é um animal religioso», é porque entendia que não podia deixar de o ser.

Se esse grande pensador, observasse hoje a indifferença e até a falta de respeito que o nosso povo nutre pela religião, não teria definido o homem d'aquella maneira.

¿Pois, o que vemos nós, o que observamos perante as manifestações religiosas do culto?

¿O que vemos nós, perante as manifestações do culto externo?

A mais absoluta carencia de respeito, a mais desolante indifferença.

¿Pode viver um povo que não tem religião?

Dil-o a Historia, que nos marca a decadencia do povo romano, depois que os angures eram recebidos na rua a gargalhadas de troça e de esearneo.

É verdade que as cousas santas e divinas se devem tomar respeitadas por si proprias, e pelas pessoas que n'ellas se envolvem. Uma das causas que mais contribuiu para a Reforma foi a relaxação de costumes do clero. Quando Ignacio de Loyola surgiu em Roma, e que o papa de então o incumbiu da Reforma dos costumes da grande cidade, era tal a depravação clerical, que chegou a causar nauseas ao fervente apostolo do catholicismo. Nas altas posições sociaes, o homem precisa não só de ser honrado, mas necessita igualmente de o parecer tambem. E a honra supõe sempre a virtude.

Do que se pode concluir logicamente que uma das causas, se não a principal, que se nota no povo em materia de religião é devida aos costumes faveis e mesmo irregulares do clero Portuguez.

A principal missão do padre é educar, e a principalissima educação consiste no exemplo.

Se o padre aconselha a virtude, se combate o adulterio, se prega a castidade, mas é o primeiro a dar o exemplo do commettimento de todos os horrores nefandos n'estas materias, a parochia murmura, o povo deserdê, o vicio alastra-se, e as consequencias são as mais prejudiciaes para a familia e para a sociedade.

O pae é o sacerdote da sua casa, intimo; mas o padre é o sacerdote do templo, alto, luz collocada no cimo de um monte, como diz a Biblia, para quem todos olham e a quem todos fitam.

Se elle não observa aquillo que determina, o escandalo salienta-se, e o povo murmura: «Bem e prega Frei Thomaz»...

É pois de uma grande necessidade que o clero seja morigerado, para poder tambem morigerar o povo.

E quando assim não seja, deixa de ser o sal da terra, para se tornar em lama paparranta, esterquilinio noventa da peor das depravações sociaes.

Deixa de ser a Luz, para ser a Sombra, negrejante, horripilante. O escameo de Deus e da Civilisação.

Z. SARAKAGO

A LAGRIMA

A MEDITAÇÃO

Bem haja o sentimento da meditação, porque elle nos guia e encaminha ao oceano da verdade, mar de crystal da nitida refração, que produz imagens divinamente esculpturadas, cheias de graça e vida, e ungidas do santo amor da veneração.

A meditação! Estação que raras vezes se nos depara na estrada de vida, porque é ali onde o homem, cansado de todas as luctas e immerso em dor e agonia, encontra lenitivo para o soffrimento, paz para a consciencia que é pura, esperança e alento para os dias por vir.

A meditação! Segredo do homem e segredo de Deus; confissão ampla, livre de todas as reservas, em que a nossa alma, transportada d'este mundo de convenções e mentiras ao tribunal mysterioso da meditação, despiendo-se affoitamente dos andrajos da hypocrisia, a Deus se mostra, e, reverente, se inclina ante a sua justiça, na qual confia e espera.

E' n'esse tabernaculo que a nossa alma se crystallisa, deixando ver atravez do seu cosmos as mais tenuissimas e imperceptiveis sombras que adquirimos ou que herdamos.

Oh! mal haja o homem que, no cumprimento do seu degredo sobre a terra, não teve e não quiz ter um dia de tão consoladora luz!

CRENTE

N'estes dias encalmados, quando o nosso espirito se sente dominado, acabrunhado, pela fadiga e abatimento que se apodera do corpo, sentimos a imperiosa necessidade de repousar. Foi o que succedeu ha dias a um rapaz que, succumbindo á morna e fastidiosa influencia do calor, agravado pelo trabalho constante, adormeceu encostado ao balaço.

Mas nem só elle soffria as influencias do calor, do trabalho, tambem um freguez,—que entrou esbaforido, sequioso no estabelecimento, dizendo:

—O rapaz, dá-me uma cerveja.

E, como elle não se movia, tornou com mais força:

—O rapaz, então não ouves, dá-me uma cerveja.

Então o nosso homem levanta-se e, machinalmente, sonnambulescamente, dirige-se á prateleira onde na maior promiscuidade se vêem—garrafas, botijas, caixas de amido, o symbolo da republica nos rotulos e o busto da dita senhora, na mais perfeita harmonia com a sympathica imagem do mais portuguez de todos os santos: St.º Antonio.

O freguez, que tinha ido para a porta respirar um pouco mais livremente, estranhando a demora, volta-se,—e imagine caros leitores o quadro, a scena que se lhe depara:

O rapaz tinha pegado do Santo e procurava,

julgan lo-o uma garrafa de cerveja, abrir-lhe a cabeça com o saca-rólhas.

Emquanto estás, pobre santo,
Tranquillamente na igreja,
Cá por fóra,—(cauza espanto!)
Qualquer marçano, um tamanco,
Faz de ti uma cerveja.

Ali em S. Martinho, pára no meio do rio Cavado, um amontoado de penedos, envoltos em parte por salgueiros, e tapetados n'outra por verde herva, onde a horas matinaes pouza o côrvo luziúlio e passeia a amphibia lontra.

Uns penedos historicos, que soffrem resignação, nas grandes enchentes, o peso das aguas, e apañham, sem se lamentarem, um caustico sol. Penedos que tem ouvido des le a gargalhada franca do taineiro que os procura, até ao grito horripilante dos que se afogam na corrente brava do rio.

Tem um d'estes penedos uma nascente de aguas sulphurosas, que até ao presente seculo se tem perdido de mistura com as do Cavado.

Um dia d'estes o sr. Bento, que gosta de se levantar cedo, foi ali em passeio, para de cima d'elles admirar a tela fresquissima da natureza. Quando se vinha embora o cheiro acre das aguas despertou-lhe a curiosidade, foi ver a nascente e disse:

—Que boas aguas! Valem tanto como o vinho! (Resoluto): nada, não é em regatas que eu posso aureolar o meu nome, mas sim trabalharlo pela humanidade, (e faz um gesto largo), e fago-o aproveitar lo esta veia milagrosa! (e olha para o infinito). Faz-se correr o rio pelo lado esquerdo das penedias, para se vir aqui a pé enxuto, (e descalça uma bota, tira a meia e mostra o pé sem humidade), ou então faz-se uma ponte, (e dan lo ideia, finca os pés n'um penedo e lança as mãos a outro, radiante d'alegria),... e é facil vir aqui!

No outro dia de manhã o penedo do Enxofre soffreu no aspero dorso uma cavidade sufficiente a caber n'ella um homem deitado.

Assim, as aguas ficam represadas, e não se desperiligam.

E eis o primeiro tentamen para a obra.

Curioso:—Um dia d'estes o sr. Bento foi mostrar o primeiro trabalho feito, a alguns amigos, bem como a superioridade das aguas.

A primeira coisa que fez foi despir-se, e metter-se na cavidade, para provar que cabia um homem bem á vontade, no banho.

Depois apontou para a bella côr das aguas, dizendo:

—Vejam amigos, esta côr azulada das aguas, prova evidente que é carregada de boas substancias.

A LAGRIMA

Um garoto de olhar o galo que ouvira a conversa, e viu o Bento banhar-se, diz:

—As augas teem muita côr porque honte uns caçadores lavaram uma matilha de cães com munto savão, ahí n'essa pia...

NOTAS DA QUINZENA

Foi uma quinzena de festas. Festas a santos, a santas, a confessôres, a virgens, a martyres, a ceatos... faltando apenas as de beatas. Que, hoje em dia, muito dignas são d'ellas, e não faltará padre que lhas faça, a trôco d'um hom roquête ou d'uma sobrepeliz gommada.

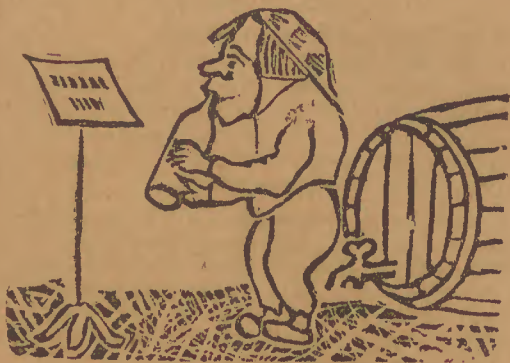
Elle foi festa em Roriz, Barca do Lago, Choroente, Villar de Frades, Beiriz, Fornellos, Barcellos, etc.; e hoje, para terminar a *f'sta*, festa em Goios, Athira, Rio Covo, Senhora da Franqueira, Ballugães, Barcellos, etc.

*

Acabou o vinho de 30 reis com a chegada e progresso do mildio. De forma que quem luera com a falta do verde é o nosso João Oliveira e a Companhia Vinicola. Os apaixonados da pinga do Campo de D. Carlos fazem agora a volta pelo jardim e pespegam-se, dentro da loja do Oliveira, a entornar garrafas como quem entorna vasilhas d'agua para a rua; e tão hom acham o «Alimentar» que muitos até o bebem a toque de muzica.

Estante a deante, garrafa a traz, toca a virar e viva a bella pagodeira.

Para não dizer bebedeira.



*

A feira e o mercado teem sido abundantes de tudo: pêras pôdres, pêcogos verdes, ameixas d'esgana cão e regateiras, lestras e lepidas, como vivandeiros.

E' um louvar a Deus. A fructa vae toda para fóra, exactamente como os ovos e as gallinhas, e

um pobre flautista, que quizer um paeço maduro ou uma gemada para curar uma constipação, tem de se metter com as regateiras, mettenolhos tambem alguma coisa na mão, porque o que ellas querem é chelpa, que no resto dão tudo de bôa vontade. Os guardas bem vigiam, bem espreitam, e não multam menôs mal; mas a questião é que as regateiras são tantas e são *mulheres* e isto de mulheres arranjam empenhos até no inferno, de forma que as multas nunca chegam a entrar no cofre municipal.

Nós ficamos sem os generos, a Camara sem a multa, os empregados desacreditados...

Mas viva a pagodeira barcelleira.

Agora uma ideia. Segundo o farrapo das Posturas, as regateiras não podem percorrer a feira antes das 10 horas. O que se vê na feira logo desde manhã são regateiras, todas e tudo. O *tu-do* é a lingua, é o trapo e é o olho. O olho para empiscar às lavraadeiras e a certos alcoviteiros engravatados que não teem vergonha de andar a comprar para ellas. De forma que a nossa ideia era a Camara dar aos empregados a rede dos cães para elles prendêrem n'ellas as regateiras e os regateiros.



*

Tem causado sensação as declarações, com malicia e com fel, dos dois recolhimentos d'esta villa.

O debaixo é mais velho. Deve ter mais juizo e tem o tido, arranjando dinheiro do publico para uma coisa particular.

O povo rosna, e como parece que se trata de lavar roupa suja cá fóra, o povo póle reconhecer onde está a razão e o direito. Porque isto de direito anda hoje em dia muito tórto; e no meio d'estas coisas nós apenas lamentamos que as Irmãs Hospitaleiras tenham de sahir a publico em defeza de cousa particular.

Sabêmos quanto grandiosa é a missão d'estas mulheres. Trabalham com todo o desinteresse.

A LAGRIMA

Se alguém á sombra d'ellas, da sua figura sympathica e nobre estender as unhas, todo o latego será pouco para lhe contunhir as lombadas.
Verémos o que sahe de tudo isto.

Está formada a irmandade,
Vae o Senhor a um doente
De mui grande gravidade;
Mas n'isto, oh ceus! de repente,
O Bazilio, que é irmão
Da sobredita Irmandade
E, ao mesmo tempo, barbeiro,
Deixa o padre e a procissão
E, com a tocha na mão,
E com o habito inteiro,
Furioso larga a correr
Por essas ruas além,
Por saber que em casa tem
Uma barba p'ra fazer.
Era vel-o afadigado
Correndo por dois ou trez
Com a tocha no braço
Por temer que o seu freguez
(Que prejuizo!) talvez
Já se fivesse «pirado».
Eshaforido de andar,
Cangado, a arder, a suar,
Chega a casa; e louco e cego,
Atira p'ra um canto a tocha
E saca do bolso a brocha
Já untada em sabão gallego.
Ao freguez besunta a cara,
Corta-lhe a barba a correr,
Sem nada, ao menos, dizer
Sobre a «eleição»—coisa rara!

.....
E sempre de balandrau,
Pensativo, abstracto, immerso
No vintem que apercebêra,
Tocha ás costas, como um pau,
Bazilio volta p'ra o Terço,
Que pela barba esquecêra.

Voltem os «Pontos e Virgulas», do Porto, a fazer-nos caréas.

Fazem-nos lembrar os macaquinhos novos que se grimpam ao cimo das arvores, aguçando as unhas e mascando as fôlhas.

Não perceberam o espirito nem a troça que a «Lagrina» fez na biographia phantastica com que primeiro embicaram.

Se fossem macacos velhos, de frazeiro pellado, beico grosso, frontal achatado, orelha hirta, e olho fino, perceberiam perfeitamente o que a «Lagrina» queria dizer: mas, como parece das «Balaladas», nos macaquinhos dos «Pontos e Virgulas» apenas se salienta a tendencia da especie simula.

Desculpem ir esta palavra em latim.

Se não vae em portuguez, aquehe dos «Pontos e Virgulas» que, em Barcellos, achou tortulheiras, porqus, e n' noite de S. João, não encontrou n'esta villa papalvos a supportal-o no palco, talvez pela carencia de batatas que n'essa epocha é usual, esse que pega ao nosso amigo padre Annibal Passos que lha traduza.

Na primeira balalada diziam os «Pontos e Virgulas»: «... dá-nos vontade de ser burro só para lha pregar quatro parelhas d'estallo.»

Perante este ideal, a «Lagrina» enviou-lhe um par de ferraduras.

Agora vêm o retractor do badalo e diz-nos que a nossa amabilidade o penhorou até «aos escaninhos da segunda syllaba de Esculapio.»

Não tinha que ficar penhorado.

Na segunda syllaba do seu Esculapio metta o colloço o badalo, e tire depois o croquis para offerecer em brinde aos assignantes.

Quanto ao bêgueiro, puche-lhe tambem pelo badalo, que pode ser que os «Pontos e Virgulas» venham, depois, a dar melhores «Balaladas».

Por enquanto, ou o badalo anda doente, ou o sino está rachado.

Grande concorrência nas Caddas de Lijó.

Conta o nosso reporter que o paroco de Santa Eugénia foi um dos doentes mais «assiduos» da ultima samana. Não faltou a enfermeira do Bairro, que por padres e padricos, toda se lambe.

REGISTO BIBLIOGRAPHICO

NOVO MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS. Recebemos o n.º 161 d'esta revista mensal, bem escripta, e superiormente redigida pelo sr. padre José Joaquim d'Affonseca Mattos, S. J. E' bem feita a todos os respeitos. Boa doutrina, linguagem acertada e critica perenciente.

A MONACO. Recebemos este n.º unico, magnificamente illustrado e finamente collaborado. E' editado pelo sr. José C. Vieira da Cruz, proprietario da tabacaria Monaco de Lisboa, onde parece que, entre as nuvens de fumo de bons charutos, serpenteiam, revoloteantes, primicias finas de arte e litteratura portugueza.

Obrigados á gentildade da offerta.

Responsavel:—João G. da Silva
—Typographia da «Folha da Manhã»—
BARCELLOS